

Ventos de janeiro

Edilma Marinho Ribeiro GOMES*

Saiu de casa com os raios de sol aparecendo e se firmando lentamente. O vento da madrugada que se despedia tocava o seu rosto e lhe sussurrava que aquele dia não seria igual aos que tinha vivenciado até então. As folhas do mato que encontrava ao logo do caminho lhe mostravam a possibilidade de um novo encontro.

Chegou à cidade grande banhada de incertezas. Suas malas estavam povoadas de sonhos e seus olhos conservavam o reflexo e a serenidade da alma. Entrou em um carro e não sabia muito bem para onde ele a levaria; foi no silêncio mais íntimo do seu ser que se descobriu só, distante de todas as certezas que tinha plantado.

Os minutos de solidão em um carro lotado que caminhava para onde o sol nascia tiveram fim e, mais uma vez, o vento se fez presente assistindo de perto a ansiedade de quem espera tudo do nada que existe. Após longos minutos de incertezas, os seus olhos sorriem quando enxergam outros olhos por quem esperavam há muito tempo: olhos puros, cheios de segurança e certezas fáceis; cheios de uma luz que penetrou na alma do ser que aguardava.

Os seus e os outros olhos se encontraram no próprio desencontro que os tinham marcado até o momento e buscavam, uns nos outros, respostas que justificassem as mais belas sensações que vivenciaram até então. Foram infinitamente felizes por quatro curtíssimos dias, que trouxeram consigo a ausência infindável e dolorosa, assim como a dor inevitável da saudade.

* Aluna do curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail para contato: edilma.marinho01@gmail.com